

CRÔNICA

Sibele Negromonte • sibelenegromonte.df@dabr.com.br

De volta a 1977

De repente, voltei ao ano de 1977. Porém, não era mais a criança que viveu naquela época, mas, sim, uma mulher feita, mãe de dois filhos adolescentes. Aliás, eles também estavam lá, ao meu lado, no saguão do São Luiz, o maior tradicional cinema de rua de Recife, aguardando para assistir ao lançamento de *Carrie*, a estranha.

Não. Não se trata de um sonho sem nexos, daqueles que costumamos acordar aos risos de tão louco que parece. A cena, de fato, aconteceu em uma tarde chuvosa de sábado, no cinema que, durante parte da minha infância, adolescência e juventude, foi quase um segundo lar. E parte dos amigos de faculdade que costumavam me acompanhar nas incursões ao São Luiz também estava lá.

A viagem no tempo ocorreu graças a um convite inusitado feito no grupo de WhatsApp da galera da universidade. O cineasta pernambucano Kléber Mendonça Filho, diretor de *Bacurau*, que também faz parte da turma, perguntou quem toparia fazer figuração no seu mais recente filme, *O agente secreto*, que está sendo rodado em Recife. Eu, que passava férias na cidade, nem pensei duas vezes, e me juntei a outros amigos que também aceitaram o chamado.

Quando cheguei à Rua da Aurora, que estava interditada no trecho onde fica o São Luiz, mal deu para

segurar a emoção. Fuscas, brasílias, corcéis, opalas se perfilavam ao longo da via, que tinham placas de antigas marcas comerciais na fachada das lojas. Os letreiros do cinema mostravam que *O magnífico* entraria em cartaz em breve, assim como *Dona Flor e seus dois maridos* e *Tubarão*.

Antes de ser transportada no tempo, entramos no figurino. Para mim, foram escolhidos vestido reto laranja e fios presos em um coque. A minha filha ganhou cabelos ondulados, short e tênis conga com meias soquetes à mostra. Já o meu filho, de jeans apertado e camiseta branca, exibia uma costeleta. Meus amigos também ficaram no clima dos anos 1970, com roupa, cabelo e make a caráter.

O saguão do São Luiz, onde gravamos a cena cuja estrela era o ator Wagner Moura, protagonista do filme, está exatamente do jeito que era quando eu o frequentava. O chão de mármore branco, o imponente painel pintado por Lula Cardoso Ayres, o velho carrinho



de pipoca, as luminárias em bronze, o revestimento das paredes em jatobá, tudo me levou de volta às décadas de 1980 e 1990, quando frequentava o local.

Foi lá que vi, aos prantos, *ET* deixar o amigo Elliot na Terra e voltar para casa; acompanhei as aventuras de Indiana Jones; emocionei-me com *Cinema Paradiso*, *O carteiro* e *o poeta*, *Perfume de mulher*, *Ghost* e outras comédias românticas dos anos 1990; fui apresentada à genialidade de Tarantino e de Scorsese. Só não tenho certeza se assisti a todos esses filmes no São Luiz, afinal, eu me revezava também com o Veneza e o

Art Palácio, outros ícones do cinema de rua de Recife.

Mas o São Luiz é, para mim, uma das maiores preciosidades pernambucanas. Construído em 1952, passou por reforma em 2008, mesmo ano em que foi tombado como monumento histórico pelo Governo de Pernambuco, mas, desde julho de 2022, está fechado ao público. Tive ao menos o gostinho de reviver os tempos áureos dele, mesmo que na ficção, enquanto sonho em voltar a me sentar naquelas poltronas vermelhas para, quem sabe, assistir ao filme em que participei como figurante.